

EDUCAÇÃO E PERSPECTIVA SOCIAL: ALGUMAS PALAVRAS

EDUCATION AND SOCIAL PERSPECTIVE: SOME WORDS

Magno Geraldo de Aquino¹

AQUINO, M. G. Educação e perspectiva social: algumas palavras. **Akrópolis** Umuarama, v. 19, n. 2, p. 115-124, abr./jun. 2011.

RESUMO: Este trabalho surgiu a partir de uma preocupação em compreender como jovens e adultos, oriundos de camadas populares, representam a educação escolar, bem como a importância dada à educação formal e suas expectativas para o futuro. De acordo com a visão de alguns adultos entrevistados, a educação escolar não proporciona melhoras para sua vida, mas proporcionaria uma melhora no desempenho e execução de suas atividades atuais. Do ponto de vista dos adolescentes entrevistados, a escola é vista como secundária, que possibilita apenas alcançar um grau de escolaridade que o emprego, ou atividade laboral desejada exige.

PALAVRAS-CHAVE: Escolarização; Sociedade; Trabalho.

ABSTRACT: This work appeared from a concern to understand as youth and adults, from popular social classes, represent school education, as well as the importance given to the formal education and their expectations for the future. In accordance with the idea of some interviewed adults, the school education does not provide improvements for their lives, but it would provide improvements in relation to the performance in the proper job, in the proper occupation, with the perfecting of the activities that they develop. In the opinion of the interviewed adolescents the school is on second plain, it only makes possible to reach a degree of studies that the simple job, or desired work requires.

KEYWORDS: Education; Society; Work.

¹Mestre em Educação. Professor de Psicologia. Centro Universitário de Lavras – UNILAVRAS. E-mail: magnoaquino@unilavras.edu.br

INTRODUÇÃO

A consciência dos efeitos sociais da educação está no pensamento dos intelectuais brasileiros desde há muito, já no início do século, com a constituição do Estado Nacional. A educação escolar, desde então, já era vista como um meio privilegiado para superar as carências do Brasil, quando comparado aos países desenvolvidos. Correlacionado ao ideal de superar as distâncias que separam o Brasil das nações civilizadas estava a certeza de que a educação permitiria o crescimento individual e a ascensão social, por meio da melhoria do desempenho nas atividades produtivas. Esta ideia, alentada desde há muito, continua ainda viva, seja no imaginário popular, seja nas “certezas” de intelectuais preocupados com o problema da alfabetização no Brasil, bem como da escolarização de um modo geral. A educação escolar é, portanto, entendida como mediação básica da vida social de todas as comunidades humanas (Severino, 2000, Laplane, Prieto, 2010).

As declarações/“falas” usadas neste texto, e que compõem a base de nossa análise, foram coletadas em entrevistas com adolescentes oriundos de camadas sociais menos favorecidas e com seus pais. Os sujeitos contatados e entrevistados são moradores de um pequeno vilarejo da zona rural de Juiz de Fora, Minas Gerais, com cerca de 800 habitantes. As entrevistas coletadas formam um extenso *corpus* de dados. No entanto, para os propósitos deste texto, que busca compreender como jovens e adultos, oriundos de camadas populares, representam a escolarização e qual sua expectativa para o futuro, selecionamos apenas algumas das passagens mais significativas. Não temos, portanto, o propósito de esgotar aqui o assunto, e sim contribuir com alguns pontos para reflexão sobre as questões que envolvem a escola e a perspectiva social da educação sob o ponto de vista de uma camada social e um contexto cultural relativamente específicos.

Nessa perspectiva, a educação, como processo pedagógico sistematizado de intervenção na dinâmica da vida social, é muitas vezes compreendida numa dimensão mais ampla, extrapolando, muitas vezes, a concepção estritamente escolar. Essa dimensão da educação parece abranger também a denominada educação primária familiar. Para algumas pessoas entrevistadas, sejam pais ou estudantes adoles-

centes, a instituição escola é concebida como responsável também pela “educação que vem do berço”. Esta ideia parece ter sua origem no fato de que as crianças são encaminhadas para escolas infantis e creches cada vez mais cedo, onde passam boa parte do seu dia, em contato com a educação escolar e sendo “educadas” para o convívio social. Em outras palavras, a escola é vista como uma instituição capacitada para prover uma boa educação moral para o homem.

A seriedade das declarações sobre a educação escolar pode ser percebida na afirmação de que os problemas sociais, como a violência, o uso de drogas e a falta de conscientização dos problemas sociais, entre outros, são causados, principalmente, pela “falta de educação”. Falta de educação, aqui, compreendida como uma falta de ocupação com atividades educativas, proporcionadas por instituições sociais, como a escola. Surge desta consideração uma primeira concepção da educação para indivíduos de classes populares, já observada por Soares (1991): educação entendida como um espaço para ocupação, para se manter as crianças e jovens ocupados e distantes do ócio, ou seja, educação para o trabalho. Nesta condição, estando os filhos ocupados com os estudos estes não teriam tempo para fazer “coisa errada” e tornariam-se, portanto, bons homens e bons cidadãos, para uma sociedade justa e democrática (Santomé, 2005).

A concepção de educação para o trabalho é também antiga no ideário popular; ou como sugere Mafra (1988) e Soares (1991), é produto de uma ideologia dominante, inculcada nas camadas mais populares da sociedade, como sendo um meio de acesso para se atingir um bom nível sócio-econômico e cultural, além da conquista das condições e aspectos morais valorizados socialmente (Soares, 2000). A importância dada à educação, nestes termos, reflete-se no discurso de quase todos os pais com quem tivemos contato e que exprimiam uma preocupação com a formação moral dos filhos e das crianças da comunidade na qual foi desenvolvida esta pesquisa.

A escolarização e as questões sociais

As questões sociais têm tomado, nos últimos tempos, uma dimensão muito abrangente e têm exigido esforços políticos capazes de si-

nalizar em favor das diversas demandas sociais que têm aparecido. Neste sentido, a constituição da cidadania tem sido uma das questões em alta nos discursos políticos educacionais. Um dos principais aspectos apontados nos discursos sobre a cidadania tem sido dirigido à importância dada à escolarização formal, como um instrumento de conquista e conscientização dos mecanismos de discriminação, principalmente a conscientização daqueles indivíduos oriundos de classes populares (Santomé, 2005).

Como comenta Zilberman e Silva (1991), a educação, ainda na Grécia antiga, visava, sobretudo, às classes dominantes, distinguindo e legitimando a posição superior de uma classe e dos indivíduos a ela pertencentes em contraposição às camadas menos favorecidas. A educação legitimava não só um status superior, mas atestava também uma superioridade no plano ético, correlacionando um status social com as qualidades morais e intelectuais de seus membros. Já no contexto burguês a educação, em princípio, dirigia-se a todos os estratos sociais, apresentando-se como fator de democratização e possibilidade de ascensão social. A educação mostrava-se como um meio promovedor do “sucesso individual” e como “prova de que a sociedade oferece oportunidades iguais a toda a população” (Zilberman e Silva, 1991; 13).

A propagação da escola e, então, a valorização da alfabetização escolar coincidiram com a instalação plena do capitalismo e das sociedades burguesas ocidentais. Com isso, foi conferida à educação formal uma importância, nas palavras de Zilberman e Silva (1991), “até então desconhecida” (p. 12). A alfabetização e escolarização formal assumiram uma função importante como componente democratizante do acesso aos bens culturalmente construídos e transmitidos através da linguagem escrita (Oliveira, 1999): um meio de compartilhamento dos bens culturais fundamentais para o bom desenvolvimento do indivíduo, bem como sua plena participação social. Em outras palavras, de grau de escolarização, e das capacidades de leitura e escrita, dependem a elevação social e a participação nas esferas mais elevadas da sociedade.

Para a classe burguesa, segundo afirma Zilberman e Silva (1991), a expansão da leitura e escrita, foi muito importante, no seu aspecto funcional, para consolidá-la como classe dominante. Como a alfabetização escolar seria

apresentada como fator de democratização, fortaleceu a ideia de que, por um lado o meio social ofereceria oportunidades iguais a todas as pessoas, de todos os níveis e condições, e, por outro, que caberia a cada indivíduo superar os obstáculos que se lhes apresentavam. Dessa forma, somente os mais capazes, por saberem explorar as chances oferecidas, poderiam superar os obstáculos impostos para a ascensão social, econômica e cultural. Portanto, o fracasso escolar seria uma consequência da incapacidade do aluno, individualmente, de responder às expectativas da escola e também consequência de uma forma de imaturidade ou atraso da criança que impediria ou dificultaria que ela acompanhasse as atividades desenvolvidas.

Nesta perspectiva, a escola, como desencadeadora de articulações entre o processo escolar e o produtivo, segue os interesses da sociedade na qual ela se insere. A escola passa a representar um rito de passagem, por onde passam os mais capazes, deixando para trás aqueles que, segundo a própria escola, não conseguem porque não querem. Camuflam-se, dessa forma, as condições sociais, marcas de uma discriminação social como causa do fracasso ou baixo rendimento escolar (Soares, 1991).

A escolarização representava, ainda, uma possibilidade de homogeneização dos vários estratos sociais, o que permitiu um maior controle das idéias pelos grupos de poder (Zilberman e Silva, 1991). Oferece-se, assim, aos indivíduos uma possibilidade única de vencer na vida e prosperar, desde que esses indivíduos assumam o discurso das classes dominantes. Evidente que este discurso não se dava de forma explícita, omitindo-se a intenção ideológica. Imprescindível, para as camadas dominantes, segundo Zilberman e Silva (1991), manter separadas as duas facetas da valorização da escola: uma que diz respeito aos sentidos educativos em si, e outra que se refere aos anseios mercantis. Afinal, a burguesia se beneficiava da situação de aumento de um público alfabetizado e leitor, com a ampliação do mercado consumidor dos bens transmitidos pela escrita. Com o aumento da produção literária, e leituras populares, a classe burguesa beneficiou-se com a difusão do ensino ao mesmo tempo em que levou a escolarização em direção às áreas até então marginalizadas.

Aproximar os sentidos educativos e mercantilistas à difusão da escolarização e alfabetização é o mesmo que denunciar os motivos de

expansão de um mercado consumidor e o controle dos indivíduos. Este controle dos indivíduos pertencentes às classes menos privilegiadas, através do conteúdo ideológico que encobre a alfabetização democratizante, se dá, portanto, de uma maneira sutil.

Goody (1987) nos proporciona uma visão importante dos processos de expansão e valorização das capacidades de leitura e escrita. Deixando claro que, mesmo tendo sido expandida a posse das habilidades em leitura e escrita para quase todos os indivíduos, cerceiam-se as possibilidades de acesso pleno aos processos de produção dos próprios materiais escritos. Nas suas palavras:

Foram precisos uns cinco mil anos para expandir a capacidade de ler e escrever por todo o sistema social, para torná-la um instrumento da democracia, do poder popular, das massas. Mesmo então, as suas implicações igualitárias eram rigorosamente limitadas, dado que a instrução cria um outro eixo de diferenciação que implica o acesso aos textos e a criação dos mesmos (GOODY, 1987, p. 142).

Terzi (1995), relatando sobre o desenvolvimento de uma pesquisa numa favela, com o propósito de percorrer os caminhos sociais de construção da leitura a partir do contexto social no qual se insere a criança, nos fornece importantes reflexões sobre a valorização da escola em contextos menos privilegiados.

Tendo pesquisado sobre como a orientação de letramento no cotidiano da favela interfere na construção da leitura, Terzi (1995), ocupou-se também com o fator valorização da escola, neste contexto. A partir de suas observações afirma que a importância atribuída à escolarização, explicitada, principalmente, pelos pais por ela entrevistados, é sempre positiva, mas que este ideário é, sobretudo, correlacionado ao discurso das elites majoritárias.

Terzi (1995), analisando as atitudes dos pais entrevistados em relação ao processo de escolarização dos filhos sugere que sejam divididas, estas atitudes, em três posições distintas. A primeira refere-se ao grupo de pais que demonstraram, não somente pelas respostas, mas pelos seus atos, a convicção da importância da escolarização dos filhos. Os pais pertencentes a este grupo buscavam estimular os filhos a estudar, com o fim de melhorarem sua condição de

vida.

A segunda posição refere-se a um tipo de atitude que a pesquisadora detectou num grupo de pais, que embora admitissem a importância da escola, não apresentavam atitudes que confirmavam seu discurso. Estes pais, apesar de considerarem a escola importante, não participavam da vida escolar dos filhos de maneira significativa. Segundo Terzi (1995), estes pais teriam interiorizado o discurso socialmente aceito sobre a importância da escolarização, não tendo, no entanto, atingido um nível de reflexão e consciência suficientes para apropriarem-se deste discurso.

O terceiro grupo revelou ter pouca expectativa com a escolarização dos filhos. Atribuem pouco valor à escolarização e suas atitudes com relação à escolarização dos filhos se aproximavam das atitudes dos pais do grupo anterior. No entanto, como observou Terzi (1995), o discurso destes pais em relação à importância da escolarização variava de acordo com o interlocutor, conforme o papel que a eles eram atribuídos. Ou seja, quando o interlocutor pertencia a alguma instituição, ou envolvia membros da sociedade letrada, o discurso era em favor da escolarização, nos seus aspectos mais valorativos; quando a conversa acontecia entre os próprios moradores da favela, apresentavam certo ceticismo em favor da mesma escolarização.

Em sua conclusão, Terzi (1995), corroborando com a observação de Soares (1991), afirma que crianças e pais das camadas populares veem a aprendizagem da leitura e escrita como um instrumento para obtenção de melhores condições de vida. Contrária a essa perspectiva, crianças e pais de classes favorecidas veem a capacidade de ler e escrever como mais uma forma de expressão e comunicação; não como uma exigência para o mundo do trabalho.

Nas entrevistas que realizamos, pudemos perceber alguns fatos curiosos, que por um lado parecem comprovar resultados de estudos anteriores sobre uma possível correlação nível sócioeconômico/expectativa de escolarização (Soares, 1991, 1996; Terzi, 1995), que demonstra a valorização da escolarização como instrumento de ascensão social e busca de melhores condições de vida; por outro dá luz a outros aspectos que, sistematicamente, negam as expectativas dos pais das crianças e adolescentes descritas nessas pesquisas, em relação à escolarização como principal instrumento de cresci-

mento pessoal e ascensão social. Esta segunda perspectiva é a que tentaremos demonstrar analisar a seguir.

O contexto social pesquisado

Os contatos iniciais com as pessoas que participaram desta pesquisa se deu por meio de uma escola municipal que atende uma comunidade no município de Juiz de Fora, Minas Gerais. Essa escola se localiza a cerca de 6 km da comunidade. E esta comunidade está a cerca de 15 km do centro da cidade. As crianças vão até a escola graças ao transporte urbano, tornado gratuito para os estudantes, a partir do momento em que estas são matriculadas na rede municipal de ensino.

A comunidade/vilarejo visitada é constituída de cerca de 20 casas construídas e precariamente acabadas, além de cerca de outras 15 casas que, por falta de recursos, se mantêm inacabadas e, portanto, sem moradores. É uma comunidade constituída de casas simples e, na sua maioria, de pequeno porte, de quatro a cinco cômodos apenas.

As propriedades e os terrenos dessa comunidade são demarcados com cercas provisórias que, em conjunto com a distribuição das casas, retrata um movimento provisório de instalação dos moradores neste local. A ocupação do terreno, pelo que foi relatado por um dos moradores mais antigos do bairro, teve início há apenas sete anos. O sentido de provisório refere-se, portanto, ao fato de ser a grande maioria das casas construções que, com o tempo, segundo os proprietários serão aumentadas com a construção de mais algum cômodo, proporcionando alguma melhoria e conforto a mais. Ainda se vê algumas casas feitas de pau a pique, não mais ocupadas, mas marcando um tempo quando esta fora a primeira moradia possível para os primeiros moradores.

Durante pouco mais de três meses, aproximações sucessivas e contatos com os moradores da vila ocorreram. Muitos destes encontros foram infrutíferos, dado que alguns moradores não se dispunham a serem entrevistados, ou de forma mais recorrente, não eram encontrados em casa, pois estavam no trabalho, ou em outros afazeres. Por vezes, caminhando pelas ruas da comunidade, parávamos algum morador e pedíamos alguma informação. Essa estratégia de abordagem nos permitiu ter acesso a infor-

mações importantes para o desenvolvimento desse trabalho sem a necessidade de nos dirigir diretamente a algum assunto específico.

Não foram estabelecidos critérios específicos de escolha dos sujeitos para participarem das entrevistas que compõem a pesquisa. No entanto, alguns cuidados foram tomados. Buscamos entrevistar número similar de adultos e adolescentes. Muitas vezes, por se tratar de uma comunidade com poucos moradores, tivemos condições de entrevistar adultos que são os pais dos adolescentes entrevistados. Porém, não se constituiu critério de seleção para o desenvolvimento das entrevistas a condição de parentesco entre os entrevistados. Os nomes dos participantes nesta pesquisa foram trocados para garantir e preservar a identidade.

A escolarização sob a ótica dos pais: a importância da escolarização

No contexto da vila, onde fora desenvolvida a pesquisa, tornou-se recorrente a fala dos pais que revelam a grande dificuldade pessoal de acesso à escolarização. Esta dificuldade parece encontrar justificativa no fato de ser, a grande maioria, oriundos de cidades menores no entorno de Juiz de Fora - MG, provindo, ainda, em grande número, segundo relatos, das zonas rurais destas localidades próximas. Por terem sua infância na zona rural, acordavam muito cedo e, para ir à escola, tinham que caminhar grandes distâncias. Se esta condição, por si só, dificultava o acesso à escola, o fato de serem recrutados, já na infância, na hora do trabalho no campo, favorecia o processo de abandono escolar.

Apenas uma mãe entrevistada afirmou ter nascido na cidade. Mas, como todos os outros pais, fora obrigada a trabalhar desde cedo para manter a si própria e ajudar a cuidar dos irmãos menores. Teve sua vida escolar restrita apenas aos anos iniciais de escolarização formal. Afirmou que deixou a escola pouco depois de ter iniciado a quinta série. Deixou a escola não porque quis, mas porque não tinha condições financeiras para continuar, segundo seu relato. Desde pequena teve que trabalhar para ajudar em casa, além de que seu pai não tinha meios para mantê-la na escola, principalmente devido à distância de sua casa até a escola.

Apesar das dificuldades encontradas e que impossibilitaram a continuação nos estudos, os pais entrevistados reconhecem a importância

nos estudos, considerando-os necessários para conquistas as mais diversas tanto no plano pessoal quanto social, como vemos nessas declarações:

• *Até mesmo para se andar nas ruas, não existe como a pessoa andar na rua se ela não sabe ler, saber os endereços, olhar nos ônibus, tudo, a escola é tudo, estudo é tudo* (Lucimara – 34 anos – mãe de Danielle).

• *Ter estudo é bom, né, pra melhorar a vida. Pra gente conseguir um emprego melhor. Eu trabalho de caseiro, também eu tenho só até a quarta série, mas eu consegui tudo com muito esforço, sabe? Eu morava na roça e tinha que trabalhar desde cedo, mas com esforço eu consegui muito* (Gilson – 40 anos – pai de Davi).

• *A escola é muito necessária pra vida das pessoas, pra aprender as coisas, hoje todo mundo precisa saber das coisas que aprende na escola, pro emprego, pra melhorar no emprego* (Maria do Carmo – 38 anos – mãe de Cláudio).

• *A gente sem estudo não faz nada, quando a gente procura uma casa de família pra trabalhar a gente tem que ter estudo, porque lá tem um telefone, às vezes vem o carteiro a gente tem que saber onde que tem que assinar; o telefone mesmo a gente tem que saber qual é o numero que a gente tem que ligar, pra tudo a gente tem que saber ler. Mas eu tenho um objetivo agora que é melhorar de vida, mesmo sem os estudos, mesmo trabalhando na casa de família* (Lucimara - 34 anos – mãe de Danielle).

Em alguns momentos os pais entrevistados revelaram o desejo de que os filhos estudem mais e possam superá-los, possam conseguir um emprego diferente daquele que esses pais conseguiram. Revelaram não querer que os filhos sigam seus passos. No entanto, mesmo considerando que os estudos são necessários para melhoria de vida, afirmam, reiteradamente, que é o aprendizado na prática o mais necessário para o desenvolvimento da habilidade no trabalho.

A preocupação dos pais em relação ao processo de escolarização dos filhos toma uma dimensão não muito clara nas suas falas. Ora afirmam que os estudos são necessários para que os filhos consigam um emprego melhor que

possam superar os pais; ora afirmam que os estudos ajudariam os filhos a desenvolver melhor o trabalho que deveriam seguir, em geral, continuando os mesmos passos dos pais nas suas atividades.

• *Agora que meu menino tá querendo parar de estudar ele trabalha lá com o primo, é bom pra ele aprender o que tá fazendo, ele não ganha quase nada, eu falei com meu primo que é pra pagar o que ele puder, né. É bom pra ele aprender a trabalhar, depois ele vai precisar. Ele tem que aprender a fazer as coisa direito, né, depois acaba precisando* (Gilson - 40 anos – pai de Davi).

Importante destacar que todos os pais entrevistados veem uma profunda importância nos estudos, na escolarização em geral. De acordo com a categorização que Terzi (1995) elaborou no seu trabalho, pode-se perceber, também aqui, pais mais efetivamente empenhados nas atividades escolares dos filhos e pais menos empenhados na vida escolar dos filhos; seja por desconhecerem os assuntos repassados na escola, em forma de conteúdos do conhecimento, seja por uma falta de comprometimento real e efetivo com a escola dos filhos, ou, ainda, por considerarem que os filhos não estariam suficientemente levando os estudos a sério.

Além disso, torna-se importante destacar o fato de que os pais esperam que os filhos estudem até certo nível de escolarização suficiente apenas para um “emprego melhor”. Este nível de escolarização é, geralmente, referido como o término do Ensino Fundamental.

Assim, apesar de afirmarem o valor da escolarização como possibilidade de ascensão social, melhoria das condições de vida e possibilidade de um futuro melhor, suas expectativas reais, em relação à escola, eram restritas a uma possibilidade de melhoria do trabalho que já exerciam tanto em relação a si próprios, como em relação ao futuro dos filhos. Em outras palavras, esses pais viam a escola como uma possibilidade de melhorarem o desempenho no trabalho que já exercem e que, de certa forma, esperam que os filhos venham a exercer, substituindo-os.

Não havia, portanto, a ilusão de que com a escolarização poderiam promover alguma forma de ascensão social, senão restrito ao discurso. Assim, a preocupação com a escolarização

dos filhos parece dar-se antes em relação ao processo de aperfeiçoamento da execução de um trabalho já desenvolvido, que à possibilidade de conseguirem uma ocupação “mais qualificada”, em comparação com a ocupação atual.

Nestas condições, ter estudo é importante, para conquistar saberes culturais importantes. No entanto, os estudos não seriam essenciais para as conquistas do dia a dia. Esta conquista é possibilitada, sobretudo, com muito esforço pessoal, não importando o grau de estudos ou a atividade de produção desenvolvida. Este ponto de vista nega a importância da escola como um meio que possibilita a conquista de melhores condições de vida, contrapondo também à percepção de Soares (1991) que afirma que indivíduos provenientes de classes populares sempre veem na escola um meio para conseguirem um melhor status, ou até mesmo garantias materiais.

A escolarização pela ótica dos filhos

Analisando os dados levantados com as entrevistas com os adolescentes podemos perceber que estes reconhecem a importância dos estudos/escolarização para a vida futura. No entanto, o nível de expectativa em relação à escolarização é muito diferenciado, de acordo com a expectativa de desenvolver uma carreira profissional no futuro e/ou do desejo de inserção em alguma atividade no futuro.

Todos os jovens entrevistados demonstraram boas expectativas em relação à escola, mas estas expectativas são, geralmente, restritas a apenas certo grau de escolarização, concebido como o máximo a se alcançar na escola. Os adolescentes entrevistados revelaram o desejo de terminar, ao menos, a oitava série do ensino fundamental, pois acham suficiente esse grau de escolaridade para que alcancem o emprego que desejam. Não demonstraram expectativas de continuar nos estudos para além dessa barreira delimitada pelo término do Ensino Fundamental e a passagem/início/entrada no Ensino Médio. Parecem acreditar que essa barreira é quase intransponível para jovens oriundos de camadas populares.

Nesta perspectiva, afirmam, ainda, que todos teriam direitos à escolarização, mas que de fato este direito não está sendo exercido plenamente, pois a eles, adolescentes oriundos de classes populares, seriam negados a negocia-

ção de saberes e troca de conhecimentos culturalmente constituídos. Assim, os estudos seriam principalmente necessários para o trabalho e quem tem “mais grau de estudo” teria maiores possibilidades de conseguir um melhor emprego.

Em alguns momentos, um adolescente afirmou que gostaria de não parar na oitava série, que gostaria de estudar para além deste grau, no entanto, pela sua fala percebe-se que tem uma vaga ideia do que poderia encontrar após a oitava série. Em outras palavras, este adolescente demonstra ter poucas referências a respeito dos níveis de escolaridade e pouca referência também das possibilidades que os estudos ofereceriam, para além do Ensino Fundamental.

Este adolescente entrevistado afirmou querer ser militar, e por querer ser militar deseja continuar nos estudos. No entanto, o posto que deseja ocupar na carreira militar parece não exigir do candidato muitos estudos, por isso considera que pouco mais que a oitava série lhe seria suficiente.

• *Eu não quero parar de estudar na oitava não, eu quero estudar o primeiro ano, o segundo, o terceiro e o quarto também, e depois eu vou entrar pro quartel* (Davi – 16 anos).

Quando de sua afirmação de que quer estudar o quarto ano também – considerando o Ensino Médio – deixa claro que não tem informações sobre este nível de escolaridade. Interessante notar que, a referência a estudar para além da oitava série, parece-lhe pré-requisito para uma posição melhorada no futuro, mas apenas como um grau de estudos que possibilitaria o que, para este adolescente, já está pré-estabelecido. Mais uma vez pode-se perceber que os estudos nada mais seriam que um instrumento para preparar o indivíduo para exercer com eficiência uma atividade já comprometida, já pensada e planejada para o seu futuro. Não se pretende estudar para atingir uma ascensão social, como é o caso do serviço militar. É para exercer a carreira de militar que se pretende estudar.

Outros adolescentes entrevistados, oriundos da mesma comunidade, têm o mesmo ideário de escolarização. São recorrentes as falas que demonstram a intenção de estudar. Mas sem vislumbrar um futuro conquistado por meio

dos estudos. Seus desejos para o futuro parecem basear-se num bom desempenho de uma função pré-concebida em seus ideários e expectativas para o futuro.

Há, no entanto, declarações importantes sobre o papel da escola em trazer o conhecimento socialmente valorizado. Os adolescentes entrevistados consideram a escola um meio importante para obtenção de informações, de conhecimentos, para o crescimento pessoal. Chegam mesmo a considerar a escola como o único meio seguro para a obtenção do conhecimento, como se pode ver na fala de uma adolescente aluna no sistema de ensino supletivo, que à época da realização desta pesquisa estava grávida e havia parado com os estudos.

• *É na escola que a gente aprende as coisas, lá é que é onde eles ensinam o que a gente precisa* (Danielle – 15 anos).

• *A gente só aprende as coisas dentro da escola, a gente aqui (fora da escola) não aprende nada, a gente só aprende a falar palavrão. Pra mim só na escola que a gente aprende as coisas. Pra trabalhar tem que estudar, até pra ser gari tem que ter estudado* (Cristiane – 15 anos).

Por estas falas percebe-se uma nítida ideia de que o que supostamente deveríamos saber – o que nos seria mais relevante para a vida – só pode ser transmitido e, portanto adquirido, através da escola. Instituição esta, no ideário dos adolescentes, detentora dos saberes considerados corretos e socialmente valorizados.

Uma entrevista muito significativa aconteceu com um adolescente (Cláudio, 16 anos) que trabalha como ajudante de obras. Como todos os outros adolescentes, este afirmou a importância dos estudos na sua vida e para o seu futuro. No entanto, com o decorrer de nossa conversa, passou a negar o que havia afirmado sobre os valores positivos da escolarização, revelando o que realmente espera da escola. O adolescente declarou não ter expectativas positivas para si com relação ao processo de escolarização. Ele acredita que para a sua vida não seja necessário o que se aprende na escola. Além disso, vê com certa restrição aqueles que se dizem querer estudar.

Fazendo referência a um familiar que deseja continuar estudando, que espera conseguir um bom trabalho por estudar bastante e, por

isso, passa boa parte do dia mergulhado nos estudos, o adolescente, num tom irônico, afirmou que, se uma pessoa de seu nível social está pretendendo estudar, “algo de errado está acontecendo”. Assim, refere-se ao tempo em que se fica deitado sobre os livros como “perda de tempo” e que a pessoa que estaria estudando, na realidade, “não faz nada”. Em outras palavras, este adolescente parece afirmar que os estudos não servem para muito no seu contexto, não ajudariam em nada, mesmo para uma possível e suposta ascensão social. Estudar para quê? Estudar não seria conciliável com trabalho, pois este exige maior esforço, enquanto os estudos, ao contrário, não.

É deste mesmo adolescente a declaração mais enfática de que para o que está fazendo, em termos de trabalho, a escola teria uma importância secundária. Talvez, até mesmo, teria nenhuma importância, visto que para o que desenvolve não é necessário os estudos escolares, e sim os esforços pessoais. É importante apenas o bom desempenho das atividades.

Para Cláudio (16 anos) o que importa é o trabalho e o dinheiro que se conquista pelo esforço, como percebemos nessa sua fala:

• *Ah, eu tô trabalhando ali em cima com um cara, não é um emprego não, mas eu consigo um dinheiro, aí eu não preciso muito de estudar, lá eu não faço nada que aprendi na escola. Mas eu não quero continuar nesse trabalho não, depois eu quero trabalhar de trocador de ônibus, acho que não precisa estudar também não* (Cláudio, 16 anos).

Os estudos fazem parte da vida dos jovens e adolescentes da comunidade visitada. No entanto, não têm ficado claro para esses jovens, nem mesmo seus pais, a importância e a necessidade de se buscar na escola o conhecimento cultural e social que poderá abrir novas oportunidades de convivência e crescimento pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela exposição aqui realizada podemos considerar que, ao contrário do que se espera, a classe popular não vê sempre a escolarização como um meio para se conseguir ascender socialmente, mas antes olharia com alguma reserva esta possibilidade. Não negam a importância do processo educativo propiciado pela escola.

No entanto, as conquistas pessoais, materiais e do bem-estar, que possibilitam uma melhor condição de vida, podem ser conseguidas através de esforço próprio, não havendo necessidade de referir-se a níveis de estudo e escolarização. São conquistas que, no seu entender, podem ocorrer apesar da escolarização.

Um dado relevante ainda a ser considerado diz respeito à ideologia da reprodução social que se trava neste local, quando se percebe no ideário dos pais, que o futuro dos filhos já seria pré-idealizado (Soares, 1991, 1996). Os pais consideram que os filhos devam estudar para desenvolver melhor as atividades e funções que estes pais já exercem, pois são seus filhos que os substituirão num futuro próximo. Os filhos são vistos como o substituto ideal para a realização de suas funções, de suas atividades laborais quando não puderem mais desenvolvê-las. Negam os pais, de certa forma, que os filhos poderiam conseguir melhores empregos que os seus.

Não há no discurso dos pais a esperança de que seus filhos possam efetivamente conseguir um emprego, ou atividade, diversa daquela à qual desempenham. Entre pais e filhos, em relação ao trabalho, a diferença estaria somente no grau de escolarização e, portanto, na possibilidade de, com esta escolaridade conseguida, haver uma melhor desenvoltura na execução das funções exigidas na atividade laboral. Não se supõe, se propõe ou se espera que os adolescentes caminhem para outros campos do saber e do trabalho, senão aqueles já supostamente pré-estabelecidos pela/a partir da/na relação pai e filho.

Repetem desta forma o que prega os ditames populares da manutenção e exclusão social: “os pobre cada vez mais pobre, os ricos cada vez mais rico” (Davi – 16 anos). Dessa forma, contribuem para a manutenção da ordem instituída pela ideologia das classes dominantes, ainda que de forma não consciente.

Dado importante, portanto, é o fato de que, para esses moradores da vila entrevistados, a escola apenas melhora a relação do sujeito com o seu próprio emprego, com o aperfeiçoamento das atividades que já vêm se desenvolvendo, cabendo à escola uma importância secundária. A regra geral é que o trabalho absorve e redefine o saber da escola.

Willis (1991) descreve este mesmo fenômeno como sendo parte de uma cultura de

classe. A “escolha” de uma ocupação ou o término de um grau de estudos não se limita simplesmente às questões de manutenção de uma ordem dada e imposta pela ideologia de uma sociedade de classes; contudo, faz parte de um aparato cultural, de uma construção simbólica, que prepara os jovens de um dado contexto para se dispor num determinado mercado de trabalho, seja mais intelectualizado ou técnico ou mesmo de uso da força braçal, com nenhuma especialização.

A reprodução do ideário de uma ocupação na cadeia produtiva (num futuro próximo) e de um dado grau de estudos envolvem, parcialmente, as condições concretas de existência. Condições estas determinadas pela pertença a um grupo ou comunidade de baixo poder aquisitivo. Este “fenômeno” é uma característica não estritamente determinante da escolha profissional dos jovens, mas constituinte de uma cultura mais ampla, na qual estes jovens estão inseridos.

Quando há alguma intenção em continuar os estudos, estes não iriam para além do suficiente para conseguirem desempenhar bem um emprego, que têm como referência o dos próprios pais, ou alguma outra referência mais próxima de sua realidade imediata: um modelo “mais viável” com os quais podem se identificar no seu dia a dia.

Profissões de nível superior, ou mesmo de nível técnico especializado, não são cogitadas com frequência. Nos poucos momentos em que se “falava” sobre níveis profissionais que demandam maior escolaridade, resumia-se a referências feitas como possibilidade para os “outros” – geralmente aqueles pertencentes a classes mais abastadas.

Este estado de coisas sugere que, neste contexto específico, a escolarização não é vista como promessa de ascensão social; mas ao contrário, como uma negação dessa possibilidade. A escola e, portanto, a escolarização são úteis apenas para proporcionar um melhor desempenho no trabalho. Trabalho este conseguido, ou a conseguir, graças ao esforço pessoal. Esforço com o qual são/serão capazes de superar mesmo as faltas materiais com as quais convivem e que, de certa forma, não prescindem dos estudos. As pessoas entrevistadas na comunidade compreendem que o saber necessário para a reprodução e manutenção da vida é muito mais amplo que os estudos e saberes veiculados na

AQUINO, M. G.

escola.

escola, resistência e reprodução social. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

REFERÊNCIAS

GOODY, J. **A lógica da escrita e a organização da sociedade**. Lisboa: 70, 1987.

LAPLANE, A. L. F.; PRIETO, R. G. Inclusão, diversidade e igualdade na conae 2010: perspectivas para o novo plano nacional de educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 112, p. 919-938, jul./set. 2010.

MAFRA, L. A. Divisão social e técnica do trabalho, escolarização e a escolha profissional. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 8, p. 19-25, dez. 1988.

OLIVEIRA, M. K. Letramento, cultura e modalidades de pensamento. In: KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

SANTOMÉ, J. T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, T. T. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SEVERINO, A. J. Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico. **São Paulo em Perspectiva**, n. 14, v. 2, 2000.

SOARES, M. B. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 14. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **O que é letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TERZI, S. B. **A construção da leitura**. Campinas: Pontes, 1995.

ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. Leitura: por que a interdisciplinaridade? In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1991.

WILLIS, P. **Aprendendo a ser trabalhador:**

EDUCACIÓN Y PERSPECTIVA SOCIAL: ALGUNAS PALABRAS

RESUMEN: Esta investigación surgió a partir de una preocupación en comprender como jóvenes y adultos, oriundos de capas populares, representan la educación escolar, bien como la importancia dada a la educación formal y sus expectativas para el futuro. De acuerdo a la visión de algunos adultos encuestados, la educación escolar no proporciona mejoras para su vida, sin embargo proporcionaría mejora en el desempeño y ejecución de sus actividades actuales. Del punto de vista de los adolescentes encuestados, la escuela es vista como secundaria, que posibilita solamente alcanzar un grado de escolaridad que el empleo o actividad laboral deseada exige.

PALABRAS CLAVE: Escolarización; Sociedad; Trabajo.